

**ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA LINHA DIRETA**  
**Ano 9 - outubro 2006**  
**pgs 14, 15 e 18.**

## **ALUNO VIRTUAL DO ENSINO SUPERIOR**

A Educação a Distância pode criar um ambiente em que a "high tech" esteja conjugada com a "high touch" gerando entusiasmo e aprendizagem em professores e alunos?

Dois enfoques nortearão esse artigo: estratégias pedagógicas-educacionais em ambientes tecnológicos e percepções sobre a prática da Educação a Distância.

É comum encontrarmos em instituições de ensino superior ambientes como Moodle, Blackboard, Teleduc, Breeze e outros. Algumas instituições realizam seus cursos totalmente a distância e outras, de forma semi-presencial. Cursos são oferecidos tradicionalmente via WEB. Cursos via Satélite estão em fase de crescimento.

O aluno virtual, no contexto desse artigo, é aquele que faz um curso universitário totalmente a distância. Vamos considerar os ambientes como mídias e restringi-las a três: Breeze, TV e Teleduc. Os alunos realizam os cursos, em parte, assistindo às aulas satélites ao vivo nos pólos distribuídos pelo Brasil. Fazem atividades grupais nos pólos. Assistem às aulas individualmente pelo Breeze – via internet. Estudam a apostila. Fazem trabalhos de campo caso estes sejam uma estratégia do professor. Há muitas outras ações acontecendo paralelamente mas, as citadas, acima são as principais.

Embora cada mídia tenha suas próprias características, podemos considerá-las como canal de relacionamento e comunicação entre públicos.

### **BREEZE**

É um mídia para aulas a distância. Essas são gravadas em estúdio fazendo uso dos recursos conhecidos de apresentação mais a voz do professor. Há uma sincronia entre textos, imagens e fala. Os alunos acessam as aulas, via internet, usando as ferramentas que esse ambiente proporciona para acompanhar, no seu ritmo, a apresentação.

Onde surgem os problemas com esse tipo de aula? A tendência de muitos professores é repetir o que fazem na aula presencial. Isso tem um impacto negativo nos alunos porque a aula se torna um canal unilateral de transmissão: o professor ativo e o aluno passivo (um simples receptor de mensagens). Tem como resultado os tão conhecidos tédio e monotonia levando, muitas vezes, os alunos, a desistirem do curso. Sabemos que muitos professores conseguem reverter isso em função de sua abertura, criatividade para inovar, estilo pessoal e didática.

Ao planejar suas aulas, até que ponto o professor considera seu público-cliente para interagir adequadamente com ele? É um público homogêneo ou

heterogêneo? São pessoas com que faixa etária? São pessoas que estão em seu ciclo contínuo de educação ou estão voltando aos estudos depois de alguns anos? São pessoas com que grau de competência no uso da língua portuguesa? São pessoas concentradas num território ou espalhadas pelo país? Que curso estão fazendo e quais as implicações para sua disciplina? O curso é de graduação, extensão, tecnológico, pós-graduação? O curso é totalmente a distância ou semi-presencial? Que expectativas os alunos esperam do curso para seu progresso profissional? Quanto o aluno está disposto a pagar pelo que está recebendo? Muitas dessas perguntas fazem parte do levantamento de perfil dos alunos realizado pela instituição. Essas informações facilitam a criação de uma fotografia coletiva do público mas... são insuficientes.

Um ponto essencial na EaD: como o professor estabelece relações com os alunos para conhecê-los melhor e o como trabalha com as informações citadas para fazer com que a disciplina seja marcante?

Como um professor pode estimular a interatividade com os alunos na educação a distância?

Como conseguir entrar em sincronismo com eles e realizar um aula significativa? Aqui estão algumas recomendações:

Ao invés de apresentar conceitos prontos e discorrer sobre eles, por que não estimular a descoberta dos mesmos através de perguntas? Isso implica em uma mudança do modelo mental do professor; significa conduzir o processo de descoberta partindo dos alunos e não transmitir informações e conhecimentos de maneira automática e repetitiva.

Pode apresentar uma figura e despertar a atenção para os detalhes, para o todo, para a seqüência de figuras e assim por diante. Essa estratégia estimula a contemplação da imagem de forma mais livre e incentiva o uso do lado direito do cérebro; a leitura da imagem de forma mais estruturada estimula o lado esquerdo do cérebro. O princípio é ingressar no mundo da imagem através de experiências sensoriais, perceptivas, intuitivas e/ou dedutivas. Em outras situações, a escolha da imagem objetiva representar e apoiar uma mensagem. Por exemplo, caso o conteúdo seja Estratégias quantitativas e qualitativas de mudanças, podemos trabalhar respectivamente com a figura da Curva de Gauss e com a imagem de um iceberg. A primeira recorre à matemática e estatística e a segunda, à metáfora sobre as parte visíveis e submersas. A atratividade e formas de comunicação espectador-imagem podem suscitar o uso mais intenso da memória e da imaginação.

Frente a esse processo de visitar e revisitar imagens para descobrir significados é possível fazer uso de metáforas e trabalhar o raciocínio analógico do aluno.

Winnicott (O Brincar & a Realidade, 1975) expõe, com muita propriedade, o conceito de objeto transicional, (o que está entre o subjetivo e o objetivo) localizando-se numa terceira zona chamada de espaço potencial. O que acontece na interação entre o aluno, tela do computador e fone do ouvido pode conduzir a outros mundos: da reminiscência, da projeção, da experiência presente. A aula pode ser considerada um fenômeno transicional entre sujeitos desde que tenha o poder de seduzir, atrair e mover o desejo do aluno para a aprendizagem.

Esses simples exemplos mostram uma relação triádica: professor – objeto mediador – alunos. O professor tem um importante papel por ser mentor, “coacher” do processo de observação, percepção e descoberta dos alunos, fazendo uso de várias linguagens. Howard Gardner (Mentes que Mudam, 2005) identifica sete alavancas de incentivo às novas maneiras de pensar: razão,

pesquisa, ressonância, redescritões representacionais, recursos e recompensas, eventos do mundo real e resistências. Esses fatores oferecem insights para criarmos estratégias pedagógico-educacionais mais atualizadas com as descobertas atuais da ciência. Trabalhar com linguagens diversas em aulas Breeze significa, por exemplo, partir das nove inteligências descritas por Gardner: lingüística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, naturalista, intrapessoal, interpessoal e existencial e criar atividades que exijam o uso ponderado mais de uma e menos de outra. Ao se planejar uma aula, pergunta-se, por exemplo, quais competências devem ser estimuladas? Em seguida, busca-se linguagens adequadas para que aquela aula seja mais um desafio para novas experiências.

TV - Aulas satélites on line.

Ministrar uma aula diante de duas câmaras e sem ver os alunos é um grande desafio. Uma câmara capta a imagem do professor com foco mais amplo e outra, com foco mais restrito. Ora falamos para uma câmara; ora, para outra. Ao desenvolver uma idéia ou assunto ao vivo é recomendado olhar para uma câmara. Ao entrar em outro assunto, olha-se para a outra câmara. Essa logística de distribuição do andar e do olhar do professor precisa ter uma sincronia com o que se fala e pensa para que o aluno compreenda o que está sendo exposto da forma mais natural possível.

Além disso, contamos com uma lousa eletrônica em que parcialmente, a aula está disponibilizada. Anotações são feitas na tela, ao vivo.

O que precisamos nos perguntar é como tirar um proveito educacional desse ambiente tecnológico.

Quando o professor tem a postura e intenção de se comunicar com o aluno virtual, pode estimular um sentimento de pertença nesse aluno e no grupo, criando a sensação de presença real junto ao professor. Exemplo: "Com quais das melhores práticas de gestão de pessoas você se identificou? Você usa essa prática atualmente?" "Registrem o objetivo da mesma." Aqui, dá-se o tempo necessário para essa elaboração.

Quando um slide aparece na tela, o aluno entra em contato com outra linguagem, outra percepção. O professor, diante disso, precisa saber usar os recursos da lousa para estimular a atratividade pelo que está sendo apresentado e não simplesmente grifar a parte do texto que está em pauta.

Mas não é só isso. Os alunos ao acompanharem a aula, ora vêem e ouvem o professor, ora lêem o que está na tela e ouvem o professor sem vê-lo. Há a opção técnica, na mesa de edição, para que se introduza uma pequena imagem do professor, ao vivo, em um dos cantos da tela sem prejuízo do conteúdo do slide.

Além disso, os alunos fazem perguntas em momentos propícios durante a aula satélite, via internet, podendo as mesmas serem respondidas ao vivo pelo professor no final dessa.

A princípio podemos pensar que a aula-satélite ao vivo é uma mídia em que o professor fará uso essencialmente de sua capacidade verbal ao se comunicar mas os gestos são importantíssimos e precisam estar em concordância com o verbal.

Professores com foco no como os alunos gostam de aprender estão diversificando os meios de sedução. Fazem uso de trechos de filmes de cinema, poemas,

reportagens de campo realizadas especificamente para sua disciplina, fotos, figuras e outros recursos.

Alguns exemplos:

Por que não utilizar um trecho da apresentação do grupo irlandês Riverdance para evidenciar características do trabalho em grupo?;

Por que não usar um trecho do filme O Carteiro e o Poeta para trabalhar metáforas?;

Por que não utilizar imagens da natureza em conjunto com a literatura, por exemplo, de Elias Canetti, prêmio Nobel de Literatura de 1981, para servir de referência na revisão da disciplina?;

Por que não usar slides sobre ilusão para trabalhar a percepção? Slides são apresentados e solicita-se aos alunos o que estão vendo. O aluno pode falar com seu vizinho no pólo em que se encontra para trocarem percepções sobre a figura em pauta. O professor pode solicitar que levantem a mão aqueles que identificaram algo na imagem. Isso gera, em cada pólo, curiosidade, descontração e aprendizado.

Por que não fazer com que as imagens falem do conteúdo e o texto de pistas do seu significado? O cuidado a ser tomado é o arquivo não ficar muito carregado. Diante disso pergunta-se: isso é o que vemos numa apresentação presencial, semi-presencial ou totalmente a distância? Parece que o habitual continua sendo muitos slides, muito texto e muita fala do apresentador.

Um site recomendado para identificar imagens é o

<http://creative.gettyimages.com/source/home/homeCreative.aspx>

Voltamos às práticas pedagógicas-educacionais em EaD para cursos totalmente a distância.

Vamos partir do princípio de que a logística pedagógica do curso programe duas aulas sequenciais de uma dada disciplina num mesmo dia da semana, uma em seguida da outra. Numa aula, os alunos trabalham em grupo numa atividade e na aula seguinte, eles assistem à aula-satélite. É possível fazer vários arranjos interativos entre essas duas aulas? A atividade pode abordar um conteúdo em que os alunos precisem ler um breve material, relacionar com suas experiências, compartilhar em grupo e concluir. Em seguida, os alunos assistem à aula satélite e o professor, por exemplo, relata um caso real e dá um panorama mais amplo do que está em pauta. A aula Breeze pode aprofundar o tema com apoio da apostila.

O que estamos mostrando é a importância da gestão das mídias: usar estratégias para orquestrar os assuntos fazendo uso conjugado delas. Um exemplo pode elucidar essa prática. A aula Breeze introduz um assunto para os alunos. O último slide solicita-lhes que façam, individualmente, uma pesquisa na internet com orientações semi-estruturadas. Em seguida, os alunos estão presentes no pólo trabalhando em grupo em uma atividade que contempla a mesma temática, porém, abordada de forma diferente. Eles assistem à aula satélite, em seguida, ampliando sua percepção. Fazem no campo o trabalho investigatório que o grupo planejou na sala de aula. Postam o trabalho no portfólio em grupo do Teleduc. Veremos esse ambiente a seguir. Recebem feedback do professor no item Comentários no próprio portfólio de grupo. Entram individualmente no fórum de discussão e expõem suas experiências passadas, presentes e/ou projeções sobre as práticas que conhecem ou usam sobre o assunto que continua em pauta. O professor entra em diálogo com os alunos pontuando pontos-chaves. Alunos pouco participantes tendem a se animarem e a entrarem nas discussões.

## TELEDUC

É um mídia que se caracteriza por várias ferramentas de interação professor-alunos. Citaremos algumas:

O fórum de discussão é uma oportunidade para o professor lançar questões e os alunos participarem da discussão em composições do tipo: relação professor-alunos, aluno-professor, professor- aluno, aluno-alunos e outras combinações. O fórum de discussão é uma excelente oportunidade para o professor conhecer características individuais e coletivas dos alunos. Uma estratégia focada no aluno significa, por exemplo, estimulá-lo a relatar experiências relacionadas ao tema da discussão.

Se a disciplina, por exemplo, é Gestão de Pessoas, o eixo temático pode ser Melhores Práticas em Gestão de Pessoas.

Desde que o aluno entenda o significado da proposta e conheça alguns exemplos desse eixo temático, recomenda-se que ele identifique em sua vida atual histórias reais relacionadas com melhores práticas em áreas como por exemplo: busca e uso de informações, comunicação interpessoal , conflitos , criatividade e inovação , desenvolvimento de equipes, gestão por competências , liderança , motivação, mudanças , negociação , papéis e desempenho em processo de trabalho , papel profissional e coaching , programa de multiplicadores , relacionamento interpessoal , reunião , treinamento e desenvolvimento, indicadores de gestão de pessoas e outras. Considerar o aluno como fonte de informações e conhecimentos em correspondência com o conteúdo da disciplina num jogo de vai-e-vem estimula a troca entre o que se sabe e o novo.

O relatar histórias e fazer breves leituras do significado da mesma com base no referencial teórico dão vida à forma de aprender. O professor entra num diálogo com o aluno partindo da narrativa deste último, com o objetivo de estabelecer uma correspondência desde que a disciplina favoreça essa linha de atuação. A abertura e atenção do professor na comunicação com seus alunos aos alunos são percebidas pelos mesmos, muitas vezes, por serem ouvidos e correspondidos na sua expressividade.

A disponibilidade do professor em responder rápido a e em sintonia com essas narrativas leva a relação professor-aluno a dimensões afetivas, além da informação e do conhecimento. Esse diálogo sem pretensões avaliativas nem de transmissão de conteúdo faz com que o aluno sinta companhia, acolhimento. A educação a distância torna-se algo próximo, algo que toca, algo que anima. O contágio começa a se expandir da expressividade para a comunicabilidade e dessa para o sentimento de pertencer a uma comunidade, ao mesmo tempo em que a singularidade é preservada e realçada.

O portfólio individual e de grupo é a ferramenta em que atividades dos alunos são postadas.

As formas tradicionais de leitura e interpretação de um texto continuam válidas mas os indícios vindos de muitos alunos expressam seus desejos e necessidades por maior interação com a realidade e trabalhos realizados em equipe.

Entrevistar profissionais do mercado, fazer uma visita a uma organização, realizar levantamento local sobre um programa ou projeto exigem dos alunos competências de gestão, capacidade para identificar situações-problemas, habilidade para reconhecer e descobrir soluções. Saber apresentar esse conjunto de informações e conhecimentos mobiliza nos alunos talentos que muitas vezes

desconhecemos. Talentos individuais e grupais associados a um entusiasmo irradiante.

Cabe ao professor identificar para seu público-alvo o desafio que faz sentido e saber colocá-lo para todos. Desafio com sentido é aquele que tem valor, utilidade e adequação aos alunos e não simplesmente uma forma de conduzir um assunto do programa. Percebe-se então a necessidade de desligar-se temporariamente da visão de conteúdo para focar a atenção no aluno em seu processo de maturidade, em seus potenciais e interesses. A forma de conduzir o processo é importante mas o foco deve ser o aluno na interação com outros alunos, com o professor, com outras pessoas, com a realidade. Nesse ambiente de relacionamento e comunicação recomenda-se que o professor ofereça uma estrutura e direção de trabalho com margem para a liberdade e flexibilidade. O professor pode e deve fazer comentários dos trabalhos postados no portfólio na linha de colocar luz ao que foi apresentado. Isso significa redescrever alguns pontos do trabalho dos alunos sob nova ótica evidenciando mais as forças do que os limites do mesmos. O avanço de maturidade tende a ser uma realidade quando descobrimos e revelamos aos alunos o aspecto singular e de valor do trabalho realizado. Isso cria ânimo e confiança para evoluir em outros territórios.

Estratégias e depoimentos espontâneos de alunos mostram que a Educação a Distância pode criar um ambiente em que a "high tech" esteja em sincronia com a "high touch" gerando ânimo em professores e alunos com a revelação de talentos e experiências marcantes. Tornam-se reveladores de uma educação que é a distância mas que ousa ser bem próxima do aluno virtual.

Márcio Zenker

Psicólogo pela USP com pós-graduação pela FVG. Foi professor da FGV em Psicologia Aplicada a Administração.

Professor de EaD da UNISA DIGITAL na disciplina Gestão de Pessoas  
Mentor e coordenador do grupo Meios Eletrônicos Interativos em Educação.  
Professor de pós-graduação em cursos presenciais da UNISA, HOYLER, FEI, UNASP E SENAC

Professor do SIEEESP em vários cursos

Membro do corpo diretivo do INSADI- Instituto Avançado de Desenvolvimento Intelectual

Articulista e palestrante da Linha Direta

mzenker@terra.com.br